

**Apontamentos do Anúncio de Escola de comunidade
com Davide Prospero e S.E. monsenhor Filippo Santoro
por videoconferência em Milão, 15 de março de 2023**

Texto de referência: L. Giussani, *Dar a vida pela obra de Outro*, Paulus, Lisboa 2021, pp. 119-155.

Filippo Santoro

Rezemos uma *Ave Maria* pelas guerras em curso, pelas vítimas das guerras em curso, na Ucrânia e noutros 169 países do mundo. Trata-se verdadeiramente, como diz o Papa Francisco, de uma guerra mundial em curso, já não aos bocados. Rezemos também pelas vítimas do terramoto, pelos naufragos de Cutro e por todos os outros afogados no mar. A oração é precisamente o pedido ao Mistério que acolha os defuntos e ilumine as mentes de quem tem responsabilidades na terra e no mar.

Ave Maria

Davide Prospero

Boa noite. Este é o último Anúncio do trabalho de Escola de Comunidade sobre o *Dar a vida pela obra de Outro*. Como já foi dito, depois dos Exercícios da Fraternidade iremos começar a trabalhar sobre *O sentido religioso*. O objetivo é o de retomar todo o PerCurso de don Giussani – *O sentido religioso, Na origem da pretensão cristã, Porquê a Igreja* –, que, nos próximos anos, constituirá o trabalho fundamental de formação, a catequese adulta do movimento, assim como foi desde o início. No último mês e meio, trabalhamos sobre «Deus e a existência» – depois do Anúncio feito da última vez por D. Filippo. Chegaram muitas perguntas. Agora, para não tornar demasiado pesado o trabalho desta noite, que quer deixar espaço à apresentação da parte seguinte do texto sobre o qual iremos trabalhar daqui até aos Exercícios da Fraternidade, escolhemos duas, que resumem a maioria dos contributos e também, de forma sintética, o percurso que foi feito. A todas as outras perguntas, saberão responder detalhadamente os vossos responsáveis locais.

Eis a primeira pergunta: «*A redução do coração a sentimento*. Nós tomamos o sentimento, em vez do coração, como motor último, como razão última do nosso agir. [...] Ora, o coração representa e age como fator fundamental da personalidade humana [...]. Para ser digno, o estado de espírito tem outra finalidade: tem a finalidade de uma condição posta por Deus, pelo Criador, através da qual somos purificados» (p. 110). Peço uma ajuda, se possível, sobre isto. Obrigado».

Santoro

Obrigado, Davide. Boa noite a todos os presentes e a todos vocês que nos seguem online. O que é o coração e o que é o sentimento, o estado de espírito? Para começar a responder parto da minha experiência brasileira. Para ir dar aulas, fazia de carro o percurso da paróquia onde vivia até ao seminário. Chegando a um cruzamento, havia sempre um vendedor ambulante que me queria vender lencinhos e outras coisas. Muitas vezes parava para lhe comprar. Uma manhã, o meu sentimento estava cheio de preocupações com diversas coisas. Então chego ao cruzamento e encontro este tipo lingrinhas que vendia objetos, como sempre: «Padre, como vai?». Novamente: «Padre, como vai?». E eu, seco: «Esta manhã não tenho vontade de comprar nada». Ele respondeu: «E eu esta manhã tenho vontade de vender tudo, porque tenho de sustentar a família!». Com aquela frase, “apanhou-me”. O meu primeiro sentimento era momentâneo, ou seja, um estado de espírito preocupado com outra coisa, mas quando me disse que tinha de sustentar a família, o meu coração entrou em ação. Então exclamei: «Genial! Dá-me um pacote de lencinhos». Por isso, não confundamos as coisas. O coração é a unidade de sentimento e de razão, diante do significado que é a razão da vida, a razão da ação que estou a viver. E o sentimento é uma coisa que deve ser acolhida, valorizada e, como diz don Giussani, focalizada. Assim pude interessar-me ainda mais por aquele vendedor.

Para continuar a responder, leio-vos dois testemunhos. Um que foi lido durante a Jornada de Início de ano de 1994. A Gloria, que naquela época estava em missão em Kampala, numa casa do Grupo

adulto, com a Rose e outras três amigas que se dedicavam ao cuidado domiciliário, nas piores condições, de doentes com SIDA, escrevia: «Uma manhã, quando me despedia da Rose, ela disse-me: “Reza a Nossa Senhora para hoje não te assustares ao veres a forma como Cristo se apresentará”. Com estas palavras no coração, fui com a Claudia à prisão de menores. Tudo me dava repulsa: do cheiro, à porcaria, à sarna, aos piolhos. E naquele momento, pensando nas palavras da Rose, percebi que o pedido coincidia com a posição da minha pessoa, com o meu gesto. O estar ali, diante deles, partilhando o pouco que podíamos, coincidia com o pedido a Cristo; entre pedido e gesto não havia nenhuma interrupção. Este é exatamente o clima de casa. Com efeito, tornou-se imediatamente claro para mim que, para viver, não podia procurar um espaço individual, feito de recordações nostálgicas ou até religiosas, mas devia rezar olhando para a Claudia, a Rose, a Rita, a Silvia, porque aquilo de que preciso é de reencontrar continuamente o acontecimento, aquela Presença que, reconhecida, muda o olhar e sentimento de si e de todas as coisas» (*Tracce*, n. 10/1994, p. III). A memória da Presença do grande Acontecimento muda o olhar e o sentimento de si e de todas as coisas.

O segundo testemunho está incluído em Luigi *Giussani. A sua vida*. Savorana conta: «Para Giussani são meses marcados pelo sofrimento: espasmos, contrações, problemas no estômago e problemas respiratórios. Uma noite de junho [2004], ao fim de horas muito difíceis, Jone ouve-o exclamar: “Que raio de dia!”. Mas imediatamente depois: “Mas se viver este dia a fazer os possíveis por atravessar estas circunstâncias, ao viver as ocasiões que o Mistério permite, tenho a certeza de que irei avançar melhor e mais depressa para o Destino que um dia irei ver, muito melhor do que todos os meus projetos para viver este dia. Por isso este dia é bonito porque é verdadeiro”» (*Luigi Giussani. A sua vida*, Tenacitas, Coimbra 2017, p. 1175). É bonito porque é verdadeiro. O coração é o reconhecimento da verdade na circunstância. O coração não é confundido com o sentimento momentâneo, com o estado de espírito. Por isso, mesmo neste momento supremo da sua vida, *don* Giussani reconhece que a fragilidade, a fraqueza é caminho para o Mistério.

Prosperi

A segunda pergunta é esta: «Em primeiro, quero agradecer o trabalho que monsenhor Santoro nos leva a fazer, em especial graças ao anúncio da Escola de Comunidade da última vez. Impressionou-me especialmente uma palavra que foi pronunciada com força por monsenhor Santoro: a palavra “juízo”. Perguntei-me nestes dias o que queria dizer exatamente para mim e como é que esta palavra interage com a minha vida. Como é que nos podemos ajudar a desenvolver um juízo comum em relação aos desafios que a vida atual nos coloca? Ou melhor: como crescer através de juízos que não sejam apenas formas de intelectualismo e se traduzam sempre em gestos que incidem concretamente sobre a nossa existência e a dos outros?».

Santoro

Nesta pergunta pede-se para explicar, para aprofundar a diferença que existe entre uma coisa que se sente, que eu estou a sentir neste momento, e o juízo que sustenta a experiência. Uma coisa que se sente ainda não é experiência. O que sente torna-se experiência se for ajuizado, se for avaliado diante daquilo que conta. Em *Si può (veramente?!) vivere così?*, Giussani escreve: «O conteúdo da experiência é a realidade. Um homem está apaixonado por uma mulher: isto é um facto, é um fenómeno. O poeta anda por aí a passear com as mãos nos bolsos e esbarra com este facto. Este facto entra no seu horizonte de visão, ou seja, entra no âmbito do seu conhecimento. Sendo um fenómeno real, torna-se objeto de conhecimento. Isto é o início do fenómeno, mas não é tudo. Diante deste objeto de conhecimento, o olhar do poeta incendia-se de curiosidade, de simpatia, de aprovação, porque vê, no fenómeno, algo que gostaria de ter também, mas, sendo um jovem poeta de apenas quinze anos, ainda não o tem daquela forma. Sente uma nostalgia: sente, ou seja, reage com um sentimento de inveja, e com um desejo de viver também ele aquele fenómeno. Até aqui, não é experiência, mas algo do qual se gosta, que faz reagir, neste caso, espontaneamente. Se uma pessoa não tiver quinze anos, mas trinta e cinco – “a meio do caminho da nossa vida” –, ainda que não seja Dante e o objeto não seja Beatrice, o conhecimento daquele fenómeno que lhe provoca inveja suscita

nela determinadas perguntas. Se ele, com o tubo de ressonância de Quincke, que é a lealdade... A lealdade do homem original, a sinceridade da criança é como o tubo de ressonância de Quincke. Sabem o que é? *Intervenção — Não*. Primeiro ano do liceu, física. Têm sete chapas e um diapasão. Para saber qual é a nota do diapasão, põem-no diante daquelas chapas e, quando chega ao *si*, ouvem um estrondo: o diapasão está afinado em *si*. O tubo de ressonância de Quincke mostra toda a natureza daquele poeta que, diante daquilo que sente, da inveja que sente, da nostalgia que sente, faz perguntas: “É uma satisfação real? É resposta verdadeira à minha necessidade? É felicidade? É verdade e felicidade?”. Estas são as exigências que não nascem naquilo que ele sente, mas nascem nele diante daquilo que sente, nascem nele, empenhado naquilo que sente. Estas perguntas ajuízam aquilo que ele sente [eis que entra em jogo o juízo]. Aqui [aqui!] torna-se experiência o puro e simples sentir» (*Si può (veramente?!) vivere così?*, Bur, Milão 1996, pp. 81-82).

Não é que o simples e puro sentir seja de deitar fora; é a parte inicial e torna-se experiência quando tem em si um juízo. Um juízo, é esta a experiência, uma experiência real e verdadeira é aquela em que o juízo de valor entra em campo. Por isso, realmente, é muito importante não confundir as coisas, como se aquilo que se sente fosse um “fiz experiência de”. Bem, não! Aquilo que se sente é a porta da experiência. A experiência dá-se quando aquilo que eu encontro é ajuizado a partir da relação que ilumina toda a minha vida. Já demos muitos outros exemplos, por exemplo, sobre o enamoramento. Para concluir, é importantíssimo este sublinhar da diferença entre aquilo que se sente e a experiência, quando aquilo que se sente é iluminado pelo juízo.

A este ponto, queria introduzir-vos a um texto riquíssimo: «Fé em Deus é fé em Cristo».

Irei deter-me em duas coisas:

- Os famosos «cinco “sem”», que constituem um dos maiores golpes de génio de *don Giussani*.
- A conclusão, que encontram a seguir à Assembleia.

Entremos imediatamente no assunto!

A lição passada, aquela da manhã dos Exercícios de 1998, partia da pergunta: «Como é que posso conhecer Deus de tal forma que influa sobre a vida?».

A lição da tarde retoma a pergunta e responde: para que Deus seja reconhecido todo em tudo, é preciso que cada um de nós «procure identificar-se, imitar e seguir Jesus».

Assim, o primeiro ponto abre sobre aquela que é a primeira incidência que opera a imitação de Cristo na nossa vida: «Uma mentalidade nova» (pp. 119-125).

Leiam-no com atenção: é um fantástico convite a um uso verdadeiro da razão, que sempre definimos como consciência da realidade segundo todos os fatores.

1) OS «CINCO “SEM”» DO RACIONALISMO MODERNO

Agora quero concentrar a atenção sobre os «cinco “sem”». O que são?

- São as marcas do nosso contexto cultural, hoje mais ainda do que há 25 anos – diria eu –. Com efeito, o nosso contexto é um contexto de racionalismo avançado, moderno.
- Um contexto que é hostil à fé, como reconhecimento de uma Presença excepcional que nos atrai a aderir a Si.
- Um contexto em que a fé é cada vez mais estranha à vida, cada vez mais incapaz de se posicionar como força transformadora da realidade; uma coisa que não tem a ver com a realidade, uma coisa (como ouvi uma vez) «das nuvens para cima» (e não “das nuvens para baixo”). Enquanto a encarnação é precisamente o facto de o Mistério ter entrado na realidade. Nestes dias, para o trabalho que tinha feito na Comissão para os Problemas Sociais (relacionado com a Semana social dos católicos italianos) fui convidado para encontros sobre comunidades energéticas. E então perguntam-me: «Mas como é que tu – que és Bispo – te pões a falar das comunidades energéticas?». Eu disse: «Por que não havia de falar? Se pouparmos energia, contribuímos para aquilo que o Papa Francisco disse, ou seja, para o cuidado da casa comum. Assim, tal como cuidamos das pessoas, que são um dom para a nossa vida, assim nos preocupamos com a casa comum». E a proposta que fizemos é que

todas as nossas paróquias (25.600 paróquias!) se possam tornar comunidades energéticas, não isoladas, mas com outras. «Mas por que é que falas destas coisas, tu que és Bispo?» «Bem, sim, porque a fé não é “das nuvens para cima”, mas “das nuvens para baixo”, por isso vamos até à defesa da casa comum, que é o nosso planeta, porque tudo nos interessa, tudo nos apaixonam!»

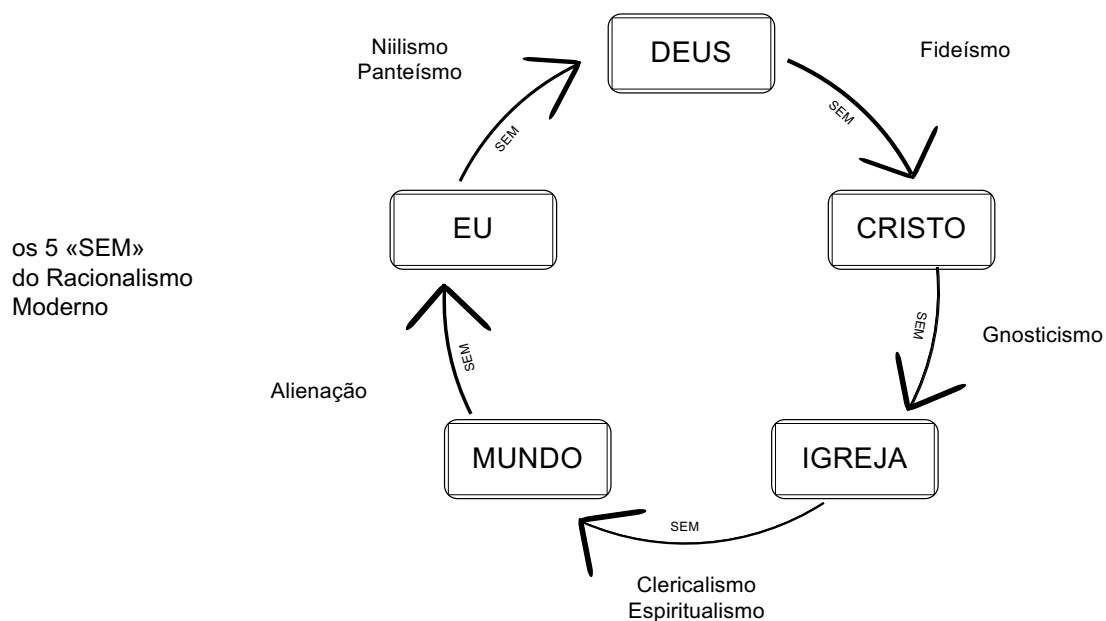
- Um contexto em que a fé, em vez de ser o reconhecimento da Sua presença excepcional, é muitas vezes confundida com um sentido religioso genérico (por isso será importantíssimo fazer o trabalho sobre *O sentido religioso*, todo o itinerário completo), e por isso se esvaziou do seu significado.

- Don Giussani chama a este contexto cultural o «racionalismo moderno», ou seja, a ideologia dominante.

- Mas põe-nos em alerta, porque este contexto não interessa só “aos outros”: acaba por, em menor ou maior grau, inquinam a nossa própria mentalidade.

- É um contexto cultural que temos de ter em conta – no trabalho, na escola, na universidade, e às vezes até no nosso mundo eclesial!

Eis, então, os «cinco “sem”». A este propósito, preparei um *slide* com o percurso que será projetado na tela.



1. Deus sem Cristo

A primeira consequência do racionalismo é «*Deus sem Cristo*».

É o fideísmo: vivemos num mundo em que pode existir uma inspiração religiosa genérica.

Diz don Giussani: «A *fé*, como atitude real que o homem vive relativamente a Deus, não é genérica: é *fé em Cristo*. [...] A fé em Cristo supera e torna mais claro o sentido religioso do mundo. A fé desvela o objeto do sentido religioso, a que a razão não pode aceder» (p. 121). O sentido religioso faz-nos intuir a existência do Mistério, mas não o compreende. «A fé em Cristo [...] é conhecer uma Presença como excepcional, sermos tocados por ela e, por isso, aderirmos àquilo que ela diz de si. É um facto: é um facto que tornou possível o aparecimento do cristão no mundo» (p. 122). O fideísmo desenvolve-se «ao eliminar a racionalidade da fé» (p. 125). Aquilo que não é admitido é o anúncio de que só através de Cristo Deus pode revelar-se a nós por aquilo que é (cf. p. 125), pode alcançá-nos e pôr a nossa vida em movimento.

Também nós sofremos a influência desta atitude: assim, até mesmo nas relações mais familiares – no trabalho, na escola – é como se às vezes tivéssemos “vergonha de Cristo”.

2. Cristo sem Igreja

O segundo aspeto imediatamente conseqüente é «*Cristo sem Igreja*».

Aqui *don* Gius fala da gnose. O que quer dizer? Elimina-se o facto de que Cristo se torna familiar, contemporâneo para cada um de nós, reconhecido na vida, através duma experiência humana, uma experiência feita de tempo e de espaço, feita de relações humanas e, como qualquer realidade, também material.

Se desaparece este aspeto da materialidade da experiência que o homem faz de Cristo, falta a possibilidade daquela contemporaneidade de Cristo que é uma verificação de tudo o que disse de Si: a Igreja, ou seja, a experiência da contemporaneidade de Cristo na carne dos encontros que caracterizam a nossa vida comunitária.

Que força tem a afirmação de Tertulliano: «*Caro cardo salutis*», a carne é o eixo da salvação! A eliminação da carnalidade, implicada em toda a experiência humana, logo, também na experiência de Cristo, coloca Cristo e a Igreja numa abstração.

Ao passo que Cristo se torna proposta para a vida através dum gesto de partilha, uma atenção à necessidade, uma amizade, o convite para apreciar uma beleza: é no seio de uma materialidade que a contemporaneidade de Cristo se abeira da nossa vida (cf. p. 126).

3. Igreja sem mundo

A terceira incidência que o racionalismo moderno trouxe até para a nossa vida eclesial é uma «*Igreja sem mundo*».

Aqui Gius indica dois perigos nos quais podemos cair e que ferem pela raiz a atração da proposta cristã: o clericalismo e o espiritualismo.

Em primeiro lugar, o clericalismo, ou seja: pormo-nos com a preocupação de fazer respeitar «leis bem fixadas para cada particular da vida, tendentes a descrever a atitude a ter em cada circunstância» (p. 132). Em vez da proposta de uma vida, uma gaiola. Percebem por que é que o Papa Francisco está sempre a falar contra o clericalismo? Qual foi a principal preocupação do Papa nestes dez anos? Muitos o disseram: o anúncio, a nova evangelização, a primazia da evangelização sobre a defesa pura e simples dos temas éticos. Em primeiro lugar, o anúncio deste Facto surpreendente, que se encarna numa realidade concreta, a Igreja, que dialoga com o mundo, com a realidade de todos, que entra nos problemas, que se faz especialmente próxima dos pobres, dos necessitados, dos sofrimentos do mundo.

A este propósito, não posso deixar de vos ler o excerto de Péguy citado por *don* Giussani:

«Assim nós navegamos constantemente entre dois tipos de clérigos, nós movemo-nos entre dois grupos de clérigos: os clérigos laicos e os clérigos eclesiásticos; os clérigos clericais anticlericais, e os clérigos clericais clericais; os clérigos laicos que negam o eterno do temporal, que querem desfazer, desmontar o eterno do temporal, por dentro do temporal; e os clérigos eclesiásticos que negam o temporal do eterno, que querem desfazer, desmontar o temporal do eterno, por dentro do eterno. Deste modo, uns e outros não são de facto cristãos, porque a própria técnica do cristianismo, a técnica e o mecanismo da sua mística, da mística cristã, é isto; é o encaixe de um pedaço de mecanismo nouro; é este entrançar dos dois pedaços, este encaixe singular; mútuo; único; recíproco, que não se pode desfazer: não desmontável; [...] de um no outro e do outro no primeiro, do temporal no eterno, e (*mas sobretudo*, o que mais frequentemente é negado) (aquilo que é, com efeito, a coisa mais maravilhosa), do eterno no temporal» (p. 129).

Em segundo lugar, o espiritualismo, ou seja: a fé justaposta à vida. Uma proposta abstrata, que não interfere com os problemas, com a mentalidade do mundo, que não arrisca uma posição, que evita as questões “quentes” da sociedade. Vive-se numa tepidez intimista, autorreferencial, desprovida de incidência, desprovida do gosto da batalha.

Um espiritualismo evanescente. Mas qual é o tipo humano que pode ser atraído por uma proposta assim?

Mais uma vez, Péguy vem ao nosso encontro:

«Aqueles que tomam as distâncias do mundo, aqueles que ganham altitude baixando o mundo, não se levantam. Como não têm a força e a graça de ser da natureza, creem ser da graça. [...] Dado que não têm a coragem do temporal, creem já ter entrado na penetração do eterno. Dado que não têm a coragem de estar no mundo, creem ser de Deus. Dado que não têm a coragem de ser de um dos partidos do homem, creem ser do partido de Deus. Dado que não amam ninguém, creem amar Deus» (p. 132).

O espiritualismo fala da ressurreição de forma sentimental: como devoção, recordação. A ressurreição não é um presente e a salvação ainda não começou.

Em vez de «Igreja sem mundo», Santo Agostinho fala de «*Reconciliatus mundus, Ecclesia*» (p. 129): a Igreja é o mundo reconciliado, o mundo que encontra a sua unidade em si e com Deus. A fé anuncia e tende a realizar nos limites do possível a salvação de um presente.

4. Mundo sem eu

Quarta consequência: se o mundo não está reconciliado com Deus, a pessoa não encontra lugar para florescer: «*mundo sem eu*».

Em vez de ser «o âmbito onde Cristo realiza no tempo a redenção do homem e da história», o mundo acaba por ser «o âmbito da existência definido pelo poder e pelas suas leis» (p. 133).

Consequência última disto é «a perda da liberdade», a abolição da liberdade: «uma abolição não proclamada teoricamente, mas realmente em ato» (p. 133).

Gius chama a tudo isto alienação. E a nossa pessoa não se torna protagonista da história.

Quantas vezes *don* Giussani nos citou a frase de Jesus: «“Pensam que haverá ainda fé sobre a terra quando vier o Filho do Homem?”». Este “mundo” é o mundo [...] onde o eu é negado e alienado, onde os significados de vida, tempo, espaço, trabalho, afeição, sociedade, não nascem da pertença a Cristo através da pertença à Igreja» (pp. 133-134).

Se o nosso eu está alienado, a escola, a universidade, o nosso local de trabalho perdem o contributo original da nossa pessoa, o contributo original que o eu deve dar, é chamado a dar, no seio da realidade.

5. Eu sem Deus

Quinta consequência: este eu, alienado, súcubo do mundo, é um «*eu sem Deus*».

Um eu que não está diante do seu Senhor para lhe agradecer pela vida intensa que lhe deu ou para se queixar das circunstâncias duras que o faz atravessar (quantos Salmos exprimem, com dignidade e um abandono último, este lamento!).

Um eu sem Deus não pode evitar o tédio e a náusea. Por isso deixamo-nos viver: sentimo-nos partícula do todo (panteísmo) ou ficamos à mercê do desespero (niilismo) (cf. p. 134).

O panteísmo, com efeito, leva-nos a sentir que somos uma partícula indistinta do todo: assim somos insignificantes neste mundo, antes de nos afogarmos no grande mar do todo. «A ideia de ser como que afogado num mundo no qual me dissolvo com voluptuosidade (p. 134), diz Claudel.

A versão mais trágica é o niilismo: estar à mercê do mal e do nada, ou seja, do desespero.

Depois da parte sobre «cinco “sem”», o terceiro ponto da lição intitula-se «A moralidade nova» (p. 135).

Aqui Gius mostra como é que fé em Cristo produz não só uma mentalidade nova (ou seja, uma mentalidade que rejeita os «cinco “sem”» do racionalismo moderno), mas também uma moralidade nova, uma maneira nova de tratar pessoas e coisas.

Lerão todos vocês as passagens, que permitem compreender a extraordinária definição de moralidade nova que dá *don* Gius: «A moralidade nova [...] é o reconhecimento amoroso de uma Presença ligada ao destino» (p. 135). A moralidade: este instante é moral porque é o reconhecimento amoroso duma Presença agora, ligada com o nosso destino.

Assim, a glória de Cristo pode tornar-se a paixão dum jovem e dum adulto, diz *don* Giussani com esta referência à moralidade (p. 141).

2) «SÓ O ESPANTO CONHECE»

No final da Assembleia, Gius conclui os Exercícios repropoendo com força a frase de São Gregório de Niza: «Os conceitos criam os ídolos, só o espanto conhece» (p. 153).

Detenhamo-nos com atenção nestas três páginas nas quais, falando de improviso, Giussani repropõe uma dimensão fundamental do nosso movimento: adere-se a uma coisa *que nos pede sacrifício* devido à força de atração que tem. Como João e André: que atração deve ter exercido aquele homem sobre eles!

A forma como Cristo nos convenceu, nos atraiu a si e nos atrai, é a beleza, é a força sugestiva duma Presença: foi assim com o Senhor; foi assim com *don* Giussani, é assim hoje para cada um de nós.

1. Pensamos em primeiro lugar no Senhor (porque este é o método que Deus usou).

Eis como Gius nos fez reviver a página com o relato da viúva de Nain (e daquela Presença que atrai e que comove), cujo filho levavam para o sepulcro, com dezassete anos, e ela era viúva, chorava como uma desesperada, e Jesus diz-lhe: «“Mulher, não chores!”». “Mulher, não chores!” e restitui-lhe o filho. Porquê: “Mulher, não chores!” e restituir-lhe o filho? Um Deus glacial, de cristal frio, realizaria tranquilamente a ressurreição como faz a criação. Teria sido mais digno, quase, para Deus... aliás, sem quase; teria sido mais digno para Deus dizer: “Levanta-te!” e restituí-lo à sua mãe. Dizer: “Mulher, não chores!” é como que ceder a alguma coisa. Cede, é como que um ceder: é um homem, é um homem... Deus é um homem, é mais homem do que o homem: chama-se compaixão, a gratuidade de Deus está cheia de compaixão» (*Si può (veramente?!) vivere così?*, cit., p. 488).

Cá está: Cristo atraiu a si os primeiros, tal como continua a atrair cada um de nós, pela excecionalidade da Sua humanidade, que entrevimos, que percebemos, que nos tocou, que nos retoma constantemente.

2. Pensemos em Gius

Disse-nos o Papa em Roma: «*Don* Giussani atraía, convencia e convertia os corações, porque transmitia aos outros o que trazia dentro de si depois da sua experiência fundamental: a paixão pelo homem e a paixão por Cristo como cumprimento do homem. Muitos jovens começaram a segui-lo porque os jovens têm um grande instinto. O que dizia vinha da sua vivência e do seu coração, por isso inspirava confiança, simpatia e interesse» («Arda nos vossos corações esta santa inquietação profética e missionária», supl. de *Passos*, n. 04/2022, pp. 11-14).

3. Quantos episódios da sua vida nos surpreenderam pela sua inteligência e a sua carga de afeição! Pessoalmente, um momento que me marcou muito foi quando, ainda diácono, falei com ele. Com o diaconato escolhe-se, adere-se ao celibato. *Don* Giussani disse-me: «A palavra certa não é celibato; é virgindade». Tinha feito a meditação e tinha ido pedir apoio, porque era uma escolha importante na vida. E ele: «Pensa que a virgindade indica a forma de amar que tinha Jesus; tu queres isso?» «Claro que sim!». Acrescentou que era a forma de amar que Jesus ressuscitado tinha depois da ressurreição, uma potência deste mundo, extraordinária, a forma de amar que teremos todos no último dia, a antecipação do definitivo. Como não nos comovermos com alguém que nos diz uma coisa destas? É mesmo um espanto, uma maravilha. Então acolhe-se o diaconato, o sacerdócio e, portanto, oferecemo-nos a nós próprios, à nossa própria vida, ao Senhor. Pensei: «Se perder isto, perco tudo!». Razoabilíssimo e cheio de atração. *Don* Giussani atraiu-nos a Cristo pela excecionalidade da sua humanidade, não só por aquilo que nos dizia. Era uma atração que passava através da sua humanidade.

4. Pensemos em como reacontece o encontro hoje

Basta recordar o testemunho da Hassina diante do Papa. A mãe, vendo a experiência da filha, disse sobre Portofranco, ou seja, duma obra nascida da experiência viva de Cristo: «Para mim foi como um marido, porque me ajudou a educar a minha filha» («Arda nos vossos corações...», op. cit., p. 7).

O encontro que reacontece hoje é pela excecionalidade de uma experiência humana, que somos chamados a fazer e que está no cerne de toda a nossa vida; mesmo com todos os problemas que existem, aqui existe esta experiência guiada para o destino, seguindo o caminho que a Igreja nos indica, seguindo sobretudo o carisma como dom insuperável recebido na nossa história.

É uma humanidade que move, que comove, que consola, que reanima, que nos relança na vida.

É uma humanidade que torna simples a nossa adesão; só nos é pedida «a simplicidade das crianças»: «livres e verdadeiros, transparentes» (pp. 153 e 155).

A este ponto, eis o tema da conclusão de Giussani: «Só o espanto conhece».

Esta é a chave para seguir o convite do Papa: «Encorajo-vos a encontrar as formas e linguagens adequadas para que o carisma que *don* Giussani vos transmitiu chegue a novas pessoas e ambientes». É um convite à missão, para que este espanto que conhece chegue a novas pessoas e novos ambientes, «a fim de que saiba falar ao mundo de hoje, que mudou em relação ao início do vosso movimento» («Arda nos vossos corações...»), op. cit., p. 15). O sentido deste convite é: «Comunicai com coragem a toda a gente todo este espanto, toda esta maravilha que conhece». Este é o convite extraordinário que recebemos: o Papa disse-nos que a urgência é a evangelização. E como é que se faz para evangelizar? Parte-se do espanto encarnado numa experiência, num carisma, numa história, num caminho, aquele em que nós estamos, com as pessoas do mundo, onde nós vivemos.

É o mesmo convite que nos propõe *don* Giussani na página conclusiva do texto que retomamos hoje: «Por isso, é preciso descobrir, na nossa educação, o modo de perceber, de fazer vir ao de cima e afirmar a força sugestiva de uma proposta». Afirmar a força sugestiva de uma proposta, é este o ponto: a missão como força sugestiva de uma proposta que nos toca e, através de nós, toca também as pessoas que encontramos normalmente na vida, no caminho quotidiano. «Só se a proposta for sugestiva é que nós a levamos a sério» (p. 155). É uma proposta sem reticências, da missão, uma proposta sugestiva. Foi-me pedido para explicar a frase que disse durante o último Anúncio de Escola de Comunidade: «Nestes anos, confundimos muitas vezes a necessidade de evitar superioridade no juízo e o não parecer orgulhosos – coisa que nunca devemos ser – com a renúncia a qualquer juízo. Chegámos até a teorizar que o juízo é, enquanto tal, “divisivo” e por isso nos afasta do outro» (Anúncio, 25 de janeiro de 2023). Diante da força sugestiva da proposta, não podemos ficar indecisos; e ainda que não seja nunca formalmente escrita a renúncia ou a abstenção diante duma posição clara, não podemos ficar indecisos, não podemos isentar-nos dum anúncio decidido. O Papa chamou-nos a uma paixão missionária mais intensa. «Valorizai o precioso dom do vosso carisma e a Fraternidade que o conserva, porque ele ainda pode fazer “florescer” muitas vidas» («Arda nos vossos corações...»), op. cit., p. 14). Este é o ponto que orienta todo o caminho. A nossa proposta acontece aprofundando a natureza do sujeito que somos; propondo com entusiasmo, de forma comunitária, o encontro que nos fascina; e arriscando um juízo sobre as circunstâncias em que vivemos e sobre o contexto cultural em que estamos. Isto aconteceu desde as primeiras aulas de Giussani no Berchet. Nas primeiras aulas discute com os alunos, depois vê o professor de história e filosofia e ataca, intervém. E todos são colocados diante dum uso correto da razão. Porque é esse o ponto! É um fazer-se presente na realidade.

A origem desta força sugestiva não é uma técnica, não é um plano pastoral, ou a repetição teórica de um discurso ou de um método; é um acontecimento imprevisto. O Papa sintetizou-o com estas palavras: *don* Giussani foi «fulgurado pela descoberta do mistério de Cristo». E «a maravilha e o fascínio deste primeiro encontro com Cristo nunca o abandonaram» («Arda nos vossos corações...»), op. cit., p. 11). Aqui está a fonte da sua «genialidade pedagógica e teológica» (*ibidem*, p. 8). Portanto, não uma técnica, um plano pastoral, um conjunto de regras, mas um anúncio, um acontecimento imprevisto.

É bonito pensar como esta «fulgor», esta graça, se tornou nele numa ousadia, uma fonte inesgotável de criatividade, de busca de formas mais eficazes, sem hesitar em mudar formas e modos quando as circunstâncias o sugeriam:

- o gramofone que levava para as aulas – impressionante! – para dar a ouvir as músicas que evocavam o ideal;
- as poesias dos grandes autores que amava;
- as férias diante da beleza dos cumes dos Dolomitas;
- a Via Sacra diante da pungente beleza do mar de Varigotti;

- a valorização das canções dos primeiros rapazes e das primeiras raparigas que o seguiam;
- a leitura humaníssima do Evangelho; não vos cito as passagens, ouvimo-las enquanto preparávamos a Audiência do Papa na Praça de São Pedro (entre parêntesis, todos os Bispos e Cardeais que ouvi disseram: «Nunca vi uma praça rezar assim!»);
- a partilha de passagens das leituras que recebia;
- a surpresa – também isto era extraordinário – de telefonar-te e de falar-te porque, naquela tarde, tinha visto que estavas mais em baixo. «Filippo, o que é que te aconteceu?», deve ter feito o mesmo também com muitos de vocês. Uma vez, telefonei-lhe de manhã cedo: «Desculpa se te acordo». E ele: «Não, tu é que devias dormir um bocadinho mais de manhã!»;

E que liberdade em relação às formas! Quantas vezes o movimento mudou os gestos e as formas ao longo da sua história! É mesmo um caminho, um caminho que avança e cresce.

No início havia o *raggio*, e depois a Escola de Comunidade, e depois os grupinhos de Fraternidade; e agora o Papa chama-nos a desenvolver a potencialidade do nosso carisma e para este objetivo, um momento decisivo – fundamental – é o retomar do trabalho nos grupos de Escola de comunidade. Trabalhem sobre esta sugestão!

Então:

- Quando é que, hoje – na tua experiência e na dos teus amigos – a proposta se revela mais sugestiva?
- Como é que os nossos grupos de Escola de Comunidade poderiam falar mais ao coração das pessoas que encontramos? Tu convidas alguém se estás certo de que naquele encontro o coração pode ser tocado; mas se não estás à espera de nada, não o convides!
- Como ajuizar as muitas manifestações do «racionalismo moderno» em que embatemos, fazendo ver a beleza do juízo novo que nós trazemos?

Peçamos ao Senhor que nos torne apaixonados por Ele, criativos, para que a Sua atratividade passe também através de nós: não há «Cristo sem Igreja» e não há «mundo sem eu»!

Façamos da lição de hoje e destas perguntas conclusivas objeto de diálogo entre nós.

Obrigado a todos.

Prosperi

Sou eu que te agradeço – não apenas em meu nome, mas de todos nós – por nos teres acompanhado e nos teres introduzido a este texto tão denso e decisivo para o caminho do movimento. Eu julgo que vale a pena – retomando este último sublinhado de D. Filippo – recordar por que é que escolhemos a modalidade dos Anúncios, evidentemente sugestivos, para uma abordagem do trabalho da Escola de Comunidade. Um trabalho sobre um texto extremamente fascinante, tanto quanto denso, que por isso exige um trabalho sério de confrontação com o conteúdo da proposta que mais não é do que o condensado da experiência daquele homem – *don* Giussani – a quem cada um de nós deve, direta ou indiretamente, o encontro devido ao qual estamos aqui esta noite.

Porquê este método? Insisto: para levarmos a sério, até ao fundo, o próprio conteúdo desta proposta, prestando atenção às passagens do texto que D. Filippo – e agradecemos-lhe por isso – nos ajudou a penetrar com precisão e atenção. E todo o conseqüente trabalho de confronto e de pôr em jogo a nossa experiência pessoal (que, no que me diz respeito, se ativou logo enquanto ele falava) dá-se comunitariamente, no seio das nossas comunidades, das quais tomamos plenamente a responsabilidade, porque é um trabalho que é pedido a cada um de nós.

Por isso até ao fim de abril, o trabalho de Escola de Comunidade será sobre a parte do livro *Dar a vida pela obra de Outro* apresentada esta noite, da pág. 119 à pág. 155.

Escola de Comunidade. A partir do mês de maio, começa o trabalho de Escola de Comunidade sobre *O sentido religioso*. Teça-feira, dia 2 de maio, às 21H, no teatro Dal Verme de Milão, terá lugar um encontro de apresentação com o padre Javier Prades – por ocasião da reedição do livro, que contém o Prefácio assinado pelo então arcebispo de Buenos Aires, Jorge Mario Bergoglio –, que dará o pontapé de saída para o trabalho. Pretende-se que o encontro seja um gesto público e missionário. As

comunidades em Itália e no estrangeiro poderão organizar encontros por videoconferência e convidar personalidades públicas, amigos, colegas e conhecidos.

Aproveito a ocasião para lembrar a todos que, em dezembro, saiu o *podcast sobre O sentido religioso*. Espero que todos o conheçamos, mas insisto para sugerir a sua difusão junto de amigos, conhecidos, colegas e afins. Como sabem, o *podcast* recolhe os cursos sobre o tema, dados por *don* Giussani aos estudantes universitários de Milão entre 1978 e 1985. Está disponível em todas as principais plataformas de *podcast*.

Caritativa. Gostaria, e muito, que nos ajudássemos a enfocar e a centrarmo-nos nalguns aspetos cruciais que têm a ver com o gesto da caritativa. A caritativa, como sabemos pela educação que recebemos, distingue-se dum voluntariado geral na medida em que, precisamente, é um gesto. O gesto traz um significado – do latim *gero*, que traz um significado – que dá sentido e forma à própria ação. No livrinho *O sentido da caritativa*, *don* Giussani diz-nos: «Antes de mais a nossa natureza dá-nos a exigência de nos interessarmos pelos outros» (p. 5). Como a necessidade de fazer o bem responde a uma exigência comum a todos os homens, a caritativa é também uma grande oportunidade de encontro e de missão. Muitas pessoas que não pertencem ao movimento podem ser encontradas e podem encontrar a origem da nossa experiência através dum gesto como a caritativa, precisamente porque corresponde a uma necessidade pessoal de todos. A este propósito, gostava de sublinhar a razão pela qual a caritativa é um gesto, tal como nasce originalmente, como dimensão nossa, de presença, mas acima de tudo, na medida em que é um gesto de educação da pessoa, ou seja, de cada um de nós. A proposta da caritativa nasce comunitariamente, é feita no seio da vida da comunidade. Portanto, a proposta é feita, em primeiro lugar, por quem guia a comunidade. A caritativa não é simplesmente uma iniciativa que se faz porque há uma necessidade aqui ou ali, mas é um gesto educativo no qual se participa duma forma que, tendencialmente, é comunitária. Consequentemente, deve haver, depois, um lugar de verificação da experiência feita, porque a uma proposta corresponde sempre uma verificação da experiência que se viveu. E esta verificação é pessoal, no seio de um âmbito comunitário no qual nos ajudamos a ajuizar aquilo que estamos a viver, aquilo que experimentamos, as dificuldades que sentimos. Este lugar é a comunidade. Nós não temos referências especiais para a caritativa, autoridades para o âmbito da caritativa, que é uma dimensão da vida da comunidade. Por isso, como tal, o âmbito privilegiado para o juízo sobre ela é a Escola de Comunidade, a vida da comunidade. Por isso recomendo que, ao longo do percurso da Escola de Comunidade, nas comunidades, se dedique um momento de reflexão sobre os gestos de caritativa propostos, para nos ajudarmos a perceber cada vez melhor o seu valor.

Manifesto da Páscoa. O Manifesto exprime o conteúdo do nosso caminho, do olhar de que a nossa vida é investida. O movimento propõe o Manifesto como instrumento missionário – não é simplesmente para pendurar no nosso quarto! –. No site de CL será publicado o Vídeo-Manifesto, pensado para tornar possível a partilha também em formato digital. Vamos vê-lo juntos em antestreia. [*Projeção do Vídeo-Manifesto da Páscoa*]

Santoro

Para que o recomeçar seja acontecimento verdadeiro entre nós, digamos juntos

Gloria

Obrigado a todos e boa-noite.

Prosperi

Obrigado.